

Imaginário Midiático: Contribuições Para Uma Releitura Do Ensino Superior Da Comunicação¹

Flávia Gabriela da Cosa Rosa²

Universidade Paulista UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

Em meio a tanta tecnologia, facilidade de acesso e modelos culturais em transformação, auxiliar a formação de profissionais é um grande desafio. Àqueles que escolheram para a sua atuação a área de comunicação, esse desafio é ainda maior já que, apoiados nas novas tecnologias da informação em um cenário emergente, os novos comunicadores precisam operar com maestria o suporte, ficando relegados os estímulos às críticas, observação e reflexão. Na contramão de que o ensino de comunicação só é possível aceitando a intensidade de utilização do suporte mediático em sala de aula, esse artigo tem como objetivo discutir a necessidade do aprofundamento de estratégias de comunicação com foco experiencial nos conceitos chaves de cultura, pautado nas mudanças culturais para a sociedade. Tendo como base a provocação e observação dos novos comportamentos e consumos de mídia e tecnologia, o artigo quer ainda propor uma metodologia de trabalho que compreenda um aprofundamento teórico no apelo à discussão dos conceitos citados com base nos estudos sobre a complexidade humana, de Edgar Morin. Todo o material usou como base de pesquisa o referencial teórico citado acima, bem como estudos no campo de pesquisa da teoria da imagem, somado à aplicação desta metodologia pela autora, que leciona nos cursos de Comunicação do Centro Universitário FATEA (Lorena - SP) e Associação Educacional Dom Bosco – AEDB (Resende – RJ).

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura; Complexidade; Interdisciplinaridade, Mediosfera.

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² ROSA, F. G. C. Doutoranda em Comunicação pelo PPG – Programa de Pós Graduação em Comunicação da UNIP – Universidade Paulista. Docente na UNIFATEA – Universidade Teresa DÁvila e AEDB. Docente na Associação Educacional Dom Bosco. Membro do Grupo de Pesquisa em Mídia e Estudos do Imaginário.

TEXTO

Não é preciso ir muito longe para observarmos as mudanças intensas ocorridas no último século. A velocidade com que as novas tecnologias de informação são desenvolvidas provavelmente é um dos principais vetores destas mudanças. Com elas as discussões sobre as posições ideológicas, sejam religiosas ou políticas, a redução das fronteiras e o encurtamento das distâncias possíveis graças à essas ferramentas, enfim, todo o relacionamento e a forma de viver (e sobreviver) de uma sociedade muda. Seja por conta dos estímulos que o bebê recebe ainda na barriga da mãe, ou àqueles provocados em sua fase de aprendizado motor, tudo mudou. O pensamento intuitivo faz com que seja muito fácil a adequação aos novos formatos de comunicação. Nas famílias essa relação também mudou. No *whatsapp* a mãe chama para o jantar (se é que ainda comem à mesma mesa).

A televisão, que outrora reunia a família na sala, também foi substituída. Está hoje nos quartos da casa, conectada à internet possibilitando uma infinita diversidade de programas para os mais diversos gostos. O relógio e a agenda também foram substituídos: estão no conjunto de aplicativos do celular.

Diante de tantas inovações, e com a mesma velocidade, é possível, sem muito esforço verificar como os relacionamentos mudaram, e com eles, o aprendizado e a absorção de conhecimento do mundo.

Há uma infinidade de pesquisas e textos chamando a atenção para o caminho da superficialidade. Neste novo cenário, relegar as nossas responsabilidades para os aparatos eletrônicos e mediáticos segue um curso comum. Estamos tão imersos na velocidade, no cenário da dromocracia³ que nos esquecemos que a compreensão de mundo vai muito além da técnica: é preciso uma revolução do campo das ideias para se rever nossa cultura e nossas sociabilidades.

³ O conceito de Dromocracia é desenvolvido por Eugênio Trivinho (2007) no livro “A dromocracia cibercultural”, apoiado nos estudos de Paul Virillo (1977). O autor desenvolve uma teoria de reconstrução das relações sociais, e com ela todas as demais vigentes no mundo contemporâneo baseadas na ditadura da velocidade. Segundo descreve “dromo”, do grego rapidez, e “cracia”, também do grego, que significa “poder, força, domínio”. (TRIVINHO, Eugênio. 2007; p. 46).

Edgard Morin há muito tempo vem chamando a atenção para o que ele chama de complexidade, na contramão da especialização, simplificação e fragmentação dos saberes. Discutir o assunto e provocar-nos a estes questionamentos torna-se fundamental quando estamos nos referindo à formação daquele que exercerão função estratégica num mundo cada vez mais mediatizado, que é o campo da comunicação social.

É Morin quem nos provoca para o que chama de “inteligência cega”, em que “desprezamos a profundidade de nosso inconsciente a despeito de métodos empíricos e lógicos no quesito conhecimento”. Segundo Morin, esses erros, ignorâncias, cegueiras e perigos têm um efeito mutilador na organização do conhecimento, e que implicam no reconhecimento da complexidade do real.

Qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função e um núcleo de noções-chave); essas operações, que se utilizam da lógica, são de fato comandadas por princípios “supralógicos” de organização do pensamento ou *paradigmas*, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso. (MORIN, E. 2005, p. 10).

Neste contexto, vemos os desafios de incentivar os novos profissionais a fugir do tecnicismo da profissão. Não que a técnica não seja necessária, já que a quantidade de novas metodologias de produção tem surgido em profusão e nos apontam para isso (o mais em menos tempo). Disputamos a atenção dos mesmos com os celulares conectados à internet, tablets, notebooks e demais dispositivos. Num ambiente difuso de informações a todo o instante, como estabelecer um ambiente de troca no campo acadêmico? Qual o sentido da comunicação se não a troca, a construção de pontes e diálogos? Como estimular os novos profissionais a viverem esse período do aprendizado com bases sólidas que estão na base do iceberg e não a sua ponta?

Esses foram os desafios que me levaram a questionar as metodologias utilizadas em sala de aula com alunos dos cursos de Comunicação Social. Eles sempre chegavam às salas de aula cansados de tanta informação, mal conseguiam concentrar-se “olho no olho”, em virtude de tanta informação assimilada desde o momento que despertaram. Claro

que essa característica pode ser aplicada a qualquer aluno em fase de aprendizado, já que não é possível precisar em que idade e em que circunstâncias vivem no tocante ao local onde moram e contato com a tecnologia. Mas e a que se refere àqueles que trabalharão com a comunicação e que, por um processo natural são cobrados pela performance na operação dos meios e na produção de produtos de comunicação?

Nas minhas observações, pude sentir que há certo desprezo pela fala docente com a sobreposição à utilização dos aparatos. Tem sempre uma nova notificação no programa de mensagens ou no *chat* da rede social. E o desafio de desapegar dos aparelhos para algumas discussões é dolorido para aluno e docente. O professor, certa forma, na maioria das vezes adere a esta realidade, já que as novidades tecnológicas não podem “ficar de fora” no contexto comunicacional.

A partir dessa reflexão, foi possível verificar não apenas certo “desinteresse” pela forma de comunicação comum “olho no olho” como também a incapacidade de abstrair ou estabelecer qualquer tipo de troca que não derivasse de uma proposta técnica. Não que este artigo proponha um desprezo aos aspectos técnicos do aprendizado de comunicação, porque eles são necessários, mas corre-se um risco muito grande de reduzi-lo a isso se o aspecto fundante da comunicação (comum união, reflexão e troca) fica relegado ao campo do conhecimento técnico.

O paradigma da simplificação e o fim da reflexão filosófica

Para Edgar Morin o paradigma da simplificação provoca um estímulo ao pensamento disjuntivo. Os estudos do autor não negam a contribuição do efeito de separação dos “sujeitos pensantes” para a “coisa estendida” no progresso do conhecimento científico no século XVII, mas questiona e nos provoca uma reflexão quanto às consequências que vivemos no mundo atual, já que esse fenômeno provocou uma cisão entre conhecimento científico e reflexão filosófica. É fato que os alunos de comunicação em processo de formação possuem interesse e têm condições de aliar a técnica da profissão às suas observações de mundo, e questionarem a aceitação do processo evolutivo da comunicação apenas baseado nos avanços tecnológicos.

Prova disso é a quantidade de trabalhos de conclusão de curso e de graduação que trazem a temática das novas formas de sociabilidades, plataformas e séries que provocam uma visão profunda para sua decodificação, como é o caso das séries da Netflix⁴ “The black Mirror⁵” e “13 Reasons Why⁶”.

O que podemos observar é o quanto os alunos da graduação entendem o valor simbólico de tais produções e como isso pode ser eficaz para a compreensão de todas as disciplinas da grade, bem como para o grande mercado que irão enfrentar. O exemplo acima nos dá o exemplo do que é como se configura a complexidade. O próprio Morin a exemplifica como um tecido “de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”.

Amparar-se no pensamento complexo provoca-nos a isso: colocar no mesmo ambiente quando da aplicação de conteúdos específicos, todos os elementos que constituem um fato, desde as relações sociais que serão tocadas por ele até as ambiguidades que surgem de todas essas imbricações.

A ciência do homem não possui um princípio que enraíze o fenômeno humano no universo natural, nem um método apto a apreender a extrema complexidade que o distingue de qualquer outro fenômeno natural conhecido. Seu arcabouço explicativo ainda é o da física do século XIX, e sua ideologia implícita continua

⁴ A Netflix é uma plataforma para se assistir filmes na internet. Com o slogan “See what’s next”, ou “Assista onde quiser. Cancele quando quiser”, o serviço coloca à disposição do cliente – usuário o acesso a produções disponíveis, em uma gama de filmes, novelas e séries de qualquer suporte conectado à internet. O site oficial da plataforma cita que “a Netflix é um serviço de transmissão online que permite aos clientes assistir a uma ampla variedade de séries de TV, filmes e documentários premiados em milhares de aparelhos conectados à internet”. Ao adquirir a assinatura, é possível a escolha de quantidade de aparelhos conectados à mesma conta. Estreou nos Estados Unidos em 2007 e no Brasil chegou no ano de 2011. Segundo informações divulgadas pela companhia em outubro de 2016, e que podem ser encontradas em diversos sites pelo mundo, 86,74 milhões de usuários no mundo se utilizavam dos seus serviços na ocasião. Informação disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/10/netflix-aumenta-em-357-milhoes-o-n-de-usuarios-no-3-trimestre.html>. Acesso em 24.04.2017. Outras informações em <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em 24.07.2017.

⁵ A série “The black Mirror”, ou “O espelho negro” originalmente foi transmitida por uma tv britânica, posteriormente transmitidas pela Netflix em 2015. Sua temática se baseia na ficção científica que e na sociedade moderna, que se utiliza amplamente amparada pelos recursos tecnológicos, o que provoca uma sequência de dilemas éticos e de sociabilidades diante das constantes inovações. Ais informações e detalhes disponíveis em <https://www.netflix.com/br/title/70264888>. Acesso em 24.04.2017.

⁶ A série “13 reasons why”, ou “os treze porquês”, é uma série americana baseada no livro de mesmo nome, trazendo uma temática sobre suicídio e bullying. Estreou na Netflix em 2017. A série mais comentada do momento gerou controvérsia. Segundo o site Observatório do Cinema, a organização de saúde mental estadunidense Headspace afirma que “a série tem abordagem equivocada e irresponsável – apesar de bem intencionada -, que pode ser capaz de disparar gatilhos emocionais negativos em pessoas que enfrentam quadro depressivo”. Muitas outras discussões têm ganhado espaço nesse sentido. Disponível em <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/series-e-tv/2017/04/13-reasons-why-serie-controversa-ainda-e-a-mais-comentada-do-ano-no-twitter>. Acesso e 24.04.17.

sendo a do cristianismo e do humanismo ocidental: a natureza sobrenatural do Homem. Que se compreenda, a partir disso, meu direcionamento: é um movimento de duas frentes, aparentemente divergentes, antagônicas, mas, a meu ver, inseparáveis: trata-se, por consequência, ao mesmo *tempo* de desenvolver uma teoria, uma lógica, uma epistemologia da complexidade que possa convir ao conhecimento do homem. (MORIN, E. 2005, p. 17).

A observação dos fatos e das discussões em todo o arcabouço cultural é o que deve sustentar as discussões a cerca de tudo aquilo que toca o indivíduo na sua essência.

Quando nos enredamos nas necessidades da urgência, certamente estamos contribuindo menos com os profissionais responsáveis por aquilo que será dito, seja através dos textos jornalísticos, seja pelas produções publicitárias, ou nas relações que se constroem com técnicas de relações públicas.

Há uma tendência atual de relativizarmos a essência daquilo que é o âmago da comunicação. Temos pouca compreensão do valor do papel do inconsciente e da subjetividade em nossas relações sociais. Propomos discussões e temáticas que ficam presas nas salas de aula e que, dificilmente convidarão o futuro profissional da comunicação a procurar os caminhos mais profundos da profissão que escolheu. Não há como falar sobre comunicação no cenário contemporâneo sem recorrer à subjetividade, afinal, somos feitos de pulsões e desejos. Isso porque não podemos considerar a comunicação apenas como um processo consciente.

A metáfora da ponta do iceberg nos aponta para essa reflexão e podemos exemplificar com as contribuições de Malena Contrera quando de seus estudos sobre a existência de uma Mediosfera⁷, complexa e fundamental para entendermos as relações que se configuram através da comunicação.

A maior parte dos estudos contemporâneos da Comunicação não ignora as questões psicológicas da subjetividade, alguns ainda não consideram as questões da afetividade e do desejo, mas não é comum encontramos nessas reflexões um interesse maior acerca da natureza e da influência nas relações

⁷ Entende-se por “Mediosfera” as imbricações do Imaginário Cultural e do Imaginário Mediático. As definições do termo foram amplamente estudadas por Malena Contrera (2010), no livro que leva o mesmo nome. Segundo a pesquisadora, os meios de comunicação de massa do século XX nascem no contexto “dos imaginários culturais originais, dos mais específicos aos mais arquetípicos, e tiram deles seu poder central” (p. 56). O termo discute a necessidade de se entender com profundidade a reedição dos conteúdos do imaginário cultural e suas transformações no processo mediático.

comunicativas desses seres imaginais que habitam em grande parte o inconsciente. Tudo ocorre como se pudéssemos, para respeitar a classificação de áreas de saber imposta por uma visão compartimentalizada do mundo e do ser humano, tratar dos processos comunicativos sem refletir sobre suas motivações e demandas inconscientes. (CONTRERA, M. 2010; p. 18)

Se nos vemos diante de um novo cenário onde as relações sociais estão o tempo todo cercadas pela tecnologia, também é nossa missão compreender a comunicação no seu amplo aspecto a partir deste ponto de vista. Nos é claro que a comunicação foi o que propiciou à humanidade a sua sobrevivência enquanto espécie e todas as transformações pelas quais ela passa também deve ser de nossa interesse, seja pelo ponto de vista das novas relações, seja pela implicações que a compreensão na sua superficialidade podem incorrer.

A Informação e a Imagem como matérias primas da comunicação e universo da mediosfera

Já que estamos falando aqui de contribuições para o campo da comunicação, faz-se importante mencionarmos o valor da informação e a amplitude de um termo tão relegado e que com frequência ouvimos usada de forma errônea. Informação e comunicação são coisas diferentes e a simplificação do seu significado também tem contribuído para diversas lacunas para aqueles que a tem como sua matéria-prima.

Comunicação não se trata apenas de transmissão de informação. Historicamente as teorias a respeito do termo já passaram pelo campo comunicacional, estatístico, organizacional e biológico⁸.

A informação é, pois, um conceito que estabelece o elo com a física, sendo ao mesmo tempo o conceito fundamental ignorado pela física. Ela é inseparável da organização e da complexidade biológicas. Ela opera a entrada da ciência do objeto espiritual que só podia encontrar lugar na metafísica. É uma noção realmente crucial, um nó górdio, mas como o nó górdio, emaranhado, impossível de ser desenredado. A informação é um conceito indispensável, mas ainda não é um conceito elucidado e elucidativo”. (MORIN, E. 2005, p. 26).

⁸ Edgard Morin discute quanto o termo informação extrapolou o campo biológico. Ele exemplifica com as discussões sobre a duplicação genética do DNA e a sua “mensagem hereditária”. Ele cita a mutação genética e o “ruído” que perturba a reprodução da mensagem provocando um erro. Ver mais em “Introdução ao Pensamento Complexo” (2005, p.25)

Ora, se não nos preocupamos em desvendar a complexidade de termos que utilizamos tantas vezes em sala de aula, como a informação à qual damos uma entonação puramente técnica, provavelmente também usamos de forma superficial o termo imagem. As expressões ocupam cada vez mais o mundo e nos provocam a repensar o universo imaginário no qual estamos baseando nossas contribuições (e as levando aos alunos da comunicação).

O universo de imagens é o que seduz a sociedade atual. É nesse universo que passamos a maior parte do nosso tempo, e é alimentando-se desse universo que a tecnologia se apoia.

Norval Baitello Júnior (2003), teórico das imagens, afirma que vivemos hoje em uma “selva de imagens, cada vez mais densa e fechada, de imagens cada vez mais onipresentes e cada vez mais gigantescas”. Segundo ele, as imagens passam a competir com o espaço dos corpos e cada vez mais nos sentimos menores diante delas. É por isso que competir com as novas tecnologias exige um grande empenho no espaço de trocas, que é o ambiente de formação, no nosso caso específico, no campo acadêmico da comunicação.

A palavra “imagem” possui uma variedade relativamente diversificada de significados: em primeiro lugar, pode se referir a uma imagem mental, representação ou construção interior de nossa mente. Assim, posso fazer uma imagem falsa de tal coisa ou tal pessoa, ou ter uma imagem distorcida dos fatos que relato. Posso por outro lado, transmitir uma imagem ou um retrato fiel dos acontecimentos. Têm essa mesma acepção aquelas imagens feitas por outros a nosso respeito. (...) Nossa vida é povoada por imagens lidamos com elas acordados, construindo e reconstruindo cenas que de compõem de imagens. E também lidamos com elas quando dormimos, nos nossos sonhos: contamos histórias que se passam em sequência de imagens cinematográficas em nossas mentes. (BAITELLO, Norval. 2003; p.78)

Neste trecho, Baitello refere-se às imagens endógenas. Há ainda as imagens exógenas, segundo o autor, trata-se daquela imagem visível “porque está associada a um suporte, uma parede, uma rocha, uma pedra, um pedaço de madeira ou pano, uma tela de cinema, televisão ou computador”. (2003; p. 78).

Diante de um universo extremamente povoado por imagens, faz-se necessária a utilização deste elemento em favor de uma abordagem apoiada na complexidade, desde que se compreenda a profundidade deste fator e suas possibilidades.

E suas contribuições neste campo vão ainda mais longe quando complexifica o conceito de imagens apoiado no estudos de Vilém Flusser e Dietmar Kamper⁹, a que se refere ao que chama de “mundo da comunicação nulodimensional, uma vez que as imagens técnicas, produzidas por aparelhos, nada mais são que uma forma abstrata, um algoritmo, um número”. (BAITELLO, Norval. 2003; p.81)

Todas essas contribuições visam provocar uma reflexão ao sentido da mudança dos paradigmas utilizados até agora em um mundo quase alheio às tantas informações e seus ruídos na formação dos profissionais da comunicação. Calar-se neste sentido, é impossibilitar uma reflexão crítica do ponto de vista dos aspectos teóricos e práticos da construção do conhecimento no campo da comunicação, onde os vínculos e trocas deveriam ser, *a priori*, o início do estímulo a uma nova maneira de pensar.

Por um pensar consciente dos processos comunicativos

Sem dúvidas o sociólogo polonês Zigmunt Bauman, bem como Edgard Morin no qual nos apoiamos para a teoria da complexidade humana, junto a outros grandes estudiosos, trouxe aos estudos contemporâneos grande contribuições sobre a construção das relações e as sociabilidades no século XXI. Bauman ficou famoso pelas suas reflexões a respeito da liquidez dos tempos, onde “nada é feito para durar”.

Essas intensas transformações nos colocam, muito mais na persona de quem consome (de acordo com o estudo um comportamento de forma irrefletida), sem, necessariamente considerar o que é relevante ou irrelevante. Desta forma, aderindo ao que chama de

⁹ Ambos os autores citados e usados como base nos estudos da imagem de Norval Baitello Júnior trazem uma reflexão sobre a evolução dos meios de comunicação do homem e o corpo como mídia, espaço de trocas e pontes como base das sociabilidades. Flusser denomina esse fenômeno de “escala da abstração” e Kamper completa com seus estudos sobre o “sacrifício do corpo em detrimento da imagem”. (Baitello Apud Dietmar Kamper. O Trabalho como vida; 1997. Baitello Apud Vilém Flusser. Kommunikologie; 1998).

“cultura do descarté”. Isso vale, segundo seus estudos para bens, relacionamentos e pessoas.

É claro que, se mencionarmos essa questão irrefletidamente, podemos tender a achar que este seria um bem para o campo da publicidade, que faz parte dos estudos do campo da comunicação. No entanto há que se considerar que, até para aqueles que estudam meios de transformar objetos ou projetos, ou ainda, modelos de vida, em objeto de consumo ou modelos de desejo, caso haja um incentivo irreflexão de suas propostas, esses também estão fadados a uma derrocada sem precedentes. Isso porque, provocados por Morin, sabemos que os recursos também um dia podem findar, e o “velho pensamento”, acrítico e superficial está e continuará transformando inclusive as formas e necessidades de desejo dos indivíduos. Prova disso são os “otaku”¹⁰, grupo adolescente emergente na sociedade oriental que não são simplesmente fãs de *animes* e *mangás*, mas que já sentem suas necessidades e pulsões de vida, como o toque e reações corporais sexuais substituídas pela frieza das cores, luzes e toques da tecnologia.

As estatísticas nos mostram o quanto a queda de natalidade do Japão¹¹ já é uma realidade, e é uma grande problemática enfrentada pelos nativos. Por isso, o jogo “baleia azul” que aqui no Brasil têm assombrado pais de adolescentes, nos parece diante desse panorama, uma possibilidade anunciada, diante dos profundos problemas de sociabilidades e crises de sentido que vivemos na atualidade. E usamos o Japão como uma de nossas referências, já que estes são para o mundo, referência de seus avanços tecnológicos.

Trabalhar o tema da complexidade pode e deve ser debatido com os novos comunicadores, já que pressupõe uma análise profunda dos aspectos das relações de trocas estabelecidas pela comunicação na contemporaneidade, as considerações das respostas inconscientes do indivíduo e todo o universo simbólico que ele carrega.

¹⁰ O “Globo Repórter”, programa jornalístico da Rede Globo de Comunicação abordou em 2013 essa temática e a superficialidade das relações neste contexto emergente. A matéria foi replicada por diversas mídias e pode ser achada facilmente como referência em pesquisas da área de psicologia, sociologia e comunicação. Um dos textos replicados pode ser visto no site do grupo, o G1, no endereço <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/10/conheca-os-otaku-os-japoneses-que-preferem-namoradas-virtuais-sexo.html>. Acesso em 25.04.2017.

¹¹ Registros sobre a queda de natalidade no Japão são divulgados periodicamente pelo Censo Populacional do Japão. Informações retiradas do site <http://www.dw.com/pt-br/jap%C3%A3o-perde-1-milh%C3%A3o-de-habitantes-em-cinco-anos/a-19077778>. Acesso em 25.04.2017.

Há que se considerar que, assim como os avanços tecnológicos, as relações sociais também mudam, e com ela toda a nossa “nova maneira” de nos comunicar.

REFERÊNCIAS

BAITELLO Jr., Norval. **Publicidade e imagem: a visão e seus excessos**, in CONTRERA, Malena Segura & TAKAOKI, Osvaldo (orgs.). *Publicidade e cia*. São Paulo: Pioneira, 2003.

BAUMAN, Z. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Conheça os otaku, os japoneses que preferem namoradas virtuais a sexo. Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/10/conheca-os-otaku-os-japoneses-que-preferem-namoradas-virtuais-sexo.html>. Acesso em 25.04.2017.

CONTRERA, M.S. **Mediosfera Meios, Imaginário e Desencantamento do Mundo**. São Paulo: Ed. Annablune, 2010.

Japão perde 1 milhão de habitantes em cinco anos. Disponível em <http://www.dw.com/pt-br/jap%C3%A3o-perde-1-milh%C3%A3o-de-habitantes-em-cinco-anos/a-19077778>. Acesso em 25.04.2017.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

_____. **Cultura de massas no século XX (neurose)**. São Paulo: Forense Universitária, 1997.

_____. **O método 1: a natureza da natureza**. 3ed. Porto Alegre: Ed. Sulina. 2005.

Netflix aumenta em 3,57 milhões o nº de usuários no 3º trimestre. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/10/netflix-aumenta-em-357-milhoes-o-n-de-usuarios-no-3-trimestre.html>. Acesso em 24.04.2017

TRIVINHO, E. **A Dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Ed Paulus, 2007.